

História em revista

revista do núcleo de documentação histórica



* Obra editada e publicada em novembro de 2017



**Obra publicada pela
Universidade Federal de Pelotas**

Reitor: Prof. Dr. Mauro Augusto
Burkert Del Pino
Vice-Reitora: Profa. Dra. Denise
Petrucci Gigante

Pró-Reitora de Extensão e Cultura: Profa. Dra. Denise
Marcos Bussolleti

Pró-Reitor de Graduação: Prof. Dr. Alvaro Luiz Moreira
Hypolito

Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação: Prof. Dr.
Luciano Volcan Agostini

Pró-Reitor Administrativo: Antônio Carlos de Freitas Cleff

Pró-Reitor de Planejamento e Desenvolvimento: Luiz
Osório Rocha dos Santos

Pró-Reitor de Recursos Humanos: Sérgio Eloi Teixeira
Wotter

Pró-Reitor de Infra-Estrutura: Evaldo Tavares Kruger

Pró-Reitora de Assistência Estudantil: Ediane Sievers
Acunha

Diretor da Editora e Gráfica Universitária: Prof. Dr. Aulus
Mandagará Martins

CONSELHO EDITORIAL

Profa. Dra. Carla Rodrigues | Prof. Dr. Carlos Eduardo
Wayne Nogueira | Profa. Dra. Cristina Maria Rosa | Prof.
Dr. José Estevan Gaya | Profa. Dra. Flavia Fontana
Fernandes | Prof. Dr. Luiz Alberto Brettas | Profa. Dra.
Francisca Ferreira Michelin | Prof. Dr. Vítor Hugo Borba
Manzke | Profa. Dra. Luciane Prado Kantorski | Prof. Dr.
Volmar Geraldo da Silva Nunes | Profa. Dra. Vera Lucia
Bobrowsky | Prof. Dr. William Silva Barros

INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS

Diretor: Prof. Dr. Sidney Gonçalves Vieira

Vice-Diretor: Prof. Dr. Sebastião Peres

NÚCLEO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA

Coordenadora:

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

Membros do NDH:

Profa. Dra. Beatriz Ana Lonner

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Técnicos Administrativos:

Veronica Medeiros dos Santos

HISTÓRIA EM REVISTA – Publicação do Núcleo de
Documentação Histórica

Comissão Editorial:

Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Profa. Dra. Beatriz Ana Lonner

Profa. Dra. Lorena Almeida Gill

Prof. Dr. Paulo Ricardo Pezat

Conselho Editorial:

Profa. Dra. Helga I. Landgraf Piccolo (UFRGS)

Prof. Dr. René Gertz (UFRGS) (PUCRS)

Prof. Ms. Mario Osorio Magalhães (UFPEL)

Prof. Dr. Temístocles A. C. Cezar (UFRGS)

Profª. Dra. Beatriz Teixeira Weber (UFSM)

Profª. Dra. Maria Cecília V. e Cruz (UFBA)

Prof. Dr. Marcelo Badaró Mattos (UFF)

Profª. Dra. Joan Bak (Univ. Richmond – USA)

Prof. PhD Pablo Alejandro Pozzi (Universidad de Buenos
Aires).

Prof. Tommaso Detti (Università Degli Studi di Siena)

Editor: Prof. Dr. Aristeu Elisandro Machado Lopes

Edição e Capa: Paulo Luiz Crizel Koschier

Editora e Gráfica Universitária

R Lobo da Costa, 447 – Pelotas, RS – CEP 96010-150 |

Fone/fax: (53)3227 8411

e-mail: editora@ufpel.edu.br

Impresso no Brasil

Edição: 2014*

ISSN – 1516-2095

Dados de catalogação na fonte:

Aydê Andrade de Oliveira - CRB - 10/864

História em revista / publicação do Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de
Ciências Humanas. Universidade Federal de
Pelotas. v.20, (dez. 2014). – Pelotas: Editora
da UFPel, 2014f.
1v.

Annual

ISSN 1516-2095

1. História - Periódicos. I. Núcleo de
Documentação Histórica. Instituto de Ciências
Humanas. Universidade Federal de Pelotas.

CDD 930.005

**Indexada pela base de dados Worldcat
Online Computer Library Center**

**PEDE-SE PERMUTA
WE ASK FOR EXCHANGE**

UFPel/NDH/Instituto de Ciências Humanas

Rua Cel. Alberto Rosa, 154

Pelotas/RS - CEP: 96010-770

Caixa Postal 354

Fone: (53) 3284 3208

<http://wp.ufpel.edu.br/ndh/>

e-mail: ndh.ufpel@gmail.com

*** Obra editada e publicada em novembro de 2017**

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	05
ENTRE VIRGENS VIDENTES E LÍDERES CABOCLAS: BREVE ESTUDO SOBRE A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NA GUERRA SERTANEJA DO CONTESTADO	
<i>BETWEEN VIRGINS SEERS AND LEADERS CABOCLAS: BRIEF STUDY ON THE PARTICIPATION OF WOMEN IN THE CONTESTED SERTANEJA WAR</i>	
Rita Inês Petrykowski Peixe Analice Dutra Pillar	07
A BATALHA DO IRANI: CONSTRUÇÕES DE LEMBRANÇAS	
<i>THE BATTLE OF IRANI: BUILDING MEMORIES</i>	
Celso Vianna Bezerra de Menezes	25
O TEMPO MESSIÂNICO: UMA ANÁLISE HISTÓRIA E CULTURAL DO MESSIANISMO CAMPESSINO NO CONTESTADO (1912-1916)	
<i>THE MESSIANIC TIME: AN HISTORICAL AND CULTURAL ANALYSIS OF THE PEASANT MESSIANISM IN CONTESTADO WAR</i>	
Rui Bragado Sousa	37
ETNICIDADE E VIOLÊNCIA: UM ESTUDO DOS CASOS DE MAUS TRATOS E MORTES DE IMIGRANTES ESTRANGEIROS NA REGIÃO DO CONTESTADO (1908 – 1916)	
<i>ETHNICITY AND VIOLENCE: A STUDY OF CASES OF MISTREATMENT AND DEATHS OF FOREIGN IMMIGRANTS IN THE REGION OF THE CONTESTED (1908 - 1916)</i>	
Viviani Poyer	68
O MOVIMENTO DO CONTESTADO ATRAVÉS DE FONTES JORNALÍSTICAS: O CASO DO JORNAL “A FEDERAÇÃO” (PORTO ALEGRE, 1912-1916)	
<i>THE CONTESTADO MOVEMENT THROUGH JOURNALISTIC SOURCES: THE NEWSPAPER CASE “THE FEDERATION” (PORTO ALEGRE, 1912 – 1916)</i>	
Márcia Janete Espig	82

**A QUESTÃO DE LIMITES E OS USOS E "PERMANÊNCIAS" DOS MAPAS DO
CONTESTADO NA CARTOGRAFIA PARANAENSE**

*A QUESTION OF LIMITS AND USES AND "CONTINUITIES" OF THE CONTESTADO'S
MAPS IN THE CARTOGRAPHY OF THE PARANÁ*

Luiz Carlos da Silva
Roseli Boschilia 95

**TERRA E RESISTÊNCIA: AS DISPUTAS FUNDIÁRIAS NOS VALES DOS RIOS
NEGRO E IGUAÇU E SUA INFLUÊNCIA NA ADESÃO AO MOVIMENTO
SERTANEJO DO CONTESTADO, (1889-1917)**

*LAND AND RESISTANCE: THE LAND DISPUTES IN THE VALLEYS OF RIVERS
NEGRO AND IGUAÇU AND ITS INFLUENCE IN THE ADHESION TO THE BACKLAND
MOVEMENT OF CONTESTADO (1889-1917)*

Alexandre Assis Tomporoski
Soeli Regina Lima 108

**OS SISTEMA DE TRABALHO ATRAVÉS DOS PROCESSOS DE LEGITIMAÇÃO DE
TERRAS, LAGES-SC (FINAL DO SÉCULO XIX - INÍCIO DO SÉCULO XX)**

*SYSTEMS WORK THROUGH THE PROCESS OF LAND LEGITIMATION, LAGES - SC
(END OF THE CENTURI XIX - EARLY XX)*

Janaina Neves Maciel 119

SENSIBILIZANDO O OLHAR: O CONFLITO DO CONTESTADO NA SALA DE AULA

SENSITIZING THE LOOK: THE CONFLICT OF CONTESTADO IN THE CLASSROOM

Mariana Carmona Braga
Raisa Sagredo 133

**SINGULAR, EXEMPLAR E UNIVERSAL. CRIMES E CASTIGOS NA CAMPANHA DO
CONTESTADO**

*UNIQUE, EXEMPLARY AND UNIVERSAL. CRIME AND PUNISHMENT IN
CONTESTADO WAR*

Rogério Rosa Rodrigues 144

ETNICIDADE E VIOLÊNCIA: UM ESTUDO DOS CASOS DE MAUS TRATOS E MORTES DE IMIGRANTES ESTRANGEIROS NA REGIÃO DO CONTESTADO (1908 – 1916)

ETHNICITY AND VIOLENCE: A STUDY OF CASES OF MISTREATMENT AND DEATHS OF FOREIGN IMMIGRANTS IN THE REGION OF THE CONTESTED (1908 - 1916)

Viviani Poyer ¹

Resumo: O presente trabalho se propõe analisar a participação e o grau de envolvimento de diferentes grupos étnicos, principalmente aqueles compostos por imigrantes europeus e a questão da violência contra estes, ocorrida no período entre 1908 e 1916, durante o movimento social do Contestado. A participação e o grau de envolvimento de diferentes grupos étnicos, principalmente aqueles compostos por imigrantes europeus e a questão da violência no contexto em que se deu o conflito, são ainda lacunas que anseiam por uma investigação mais aprofundada. Os questionamentos que se pretende fazer às fontes a serem analisadas tem por objetivo desconstruir um discurso, ainda presente na historiografia acerca do tema. Discursos estes que utilizam de denominações pejorativas, ao se referir a grupos de composição tão diversa que aderiram as causas do movimento. Estes, porém, são aspectos considerados secundários, uma vez que o objetivo não é desenvolver um trabalho sobre as questões estruturais, mas sim sobre a teia discursiva e sobre os sujeitos históricos envolvidos no movimento e por ela capturados.

Palavras chave: violência, etnicidade e Contestado.

O presente artigo pretende abordar alguns apontamentos de pesquisa em relação ao tema alvo deste dossiê. Mais especificamente mostrar como violência e etnicidade são temáticas ainda pouco discutidas pela historiografia do Contestado e, sobretudo, trazer a tona alguns questionamentos que podem apontar novas discussões em relação a estes temas. Como se trata de uma pesquisa inicial, muitas perguntas ainda permanecem abertas, e talvez ao longo do desenvolvimento da pesquisa não consigam ser "fechadas ou concluídas" aspectos inerentes a pesquisa histórica, uma vez que o trabalho do historiador é diretamente dependente de fontes, estas muitas vezes escassas ou inexistentes. Mas acredito que a empreitada vale a pena principalmente quando a própria historiografia, aponta para a falta e necessidade de discussões como estas.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre, doutoranda do Programa de Pós Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), bolsista CAPES; e-mail: vivianipoyer@globo.com

Esta pequena citação me despertou especial atenção ao ler parte da obra de McCann (2007, p.196), dedicada a estudar a história do exército brasileiro entre 1889 a 1937.

O caso das reclamações estrangeiras sobre indivíduos mortos por forças civis já está dando o que fazer e parece que custará caro. Os inquéritos provaram infelizmente que houve degolamentos por parte dos tais civis; a propósito, permita que recomende todo o cuidado no seu relatório se tiver de referir-se a esses fatos. (José Caetano de Faria a Fernando Setembrino de Carvalho, Rio de Janeiro, 19 de maio de 1915, AFSC, CPDOC.)

O trecho que despertou curiosidade se refere a uma nota encontrada no capítulo 3 intitulado - O avanço das espadas e mais especificamente num dos subcapítulos em que este autor procura mostrar a carreira e ascensão do general Fernando Setembrino de Carvalho (1861- 1947), líder das tropas do governo federal nos anos finais da Guerra do Contestado.

Esta nota poderia ter passado despercebida se não fosse o alerta sinalizado por McCann que a questão estava tomando proporções internacionais e gerando rusgas diplomáticas, neste caso mais especificamente entre Brasil e Itália. McCann ao fazer uma discussão sobre o tratamento proferido aos prisioneiros da Guerra, com base na obra de Demerval Peixoto, traz à tona casos de estrangeiros que sofreram violência física ou foram assassinados por homens comandados pelo então Capitão Potyguara, resultando em consequências problemáticas ao Exército Brasileiro.

Em correspondência enviada no final do mês de janeiro de 1915, ao citado general Setembrino de Carvalho, José Caetano de Faria, então ministro da guerra, diz que o governo italiano havia protestado “contra maus tratos a seus cidadãos”² e que ele estava enviando um relatório do general ao ministro das relações exteriores Lauro Müller (1863 – 1926).

De fato, ao final da Guerra, mais precisamente no ano de 1915, diversos são os indícios encontrados, que apontam para questões relacionadas a mortes e maus tratos de pessoas que haviam se rendido as forças do exército.

Uma vez registrados após rendição, os fíéis eram imediatamente interrogados, suas declarações eram comparadas e se fosse comprovada a existência de algum homem que tivesse atuado ativamente na luta contra as forças de repressão esse era imediatamente assassinado, geralmente por meio da degola.(RODRIGUES, 2008, p. 339).

Segundo McCann, “o destino dos que se renderam dependeu do caráter

² José Caetano de Faria a Fernando Setembrino de Carvalho, Rio de Janeiro, 29 jan. 1915, AFASC, CPDOC.

e das atitudes do oficial encarregado da unidade à qual eles se entregaram” (MACCANN, 2007, p. 194).

Mesmo que o general Setembrino de Carvalho, representante do governo brasileiro no front de batalha, procurasse diante de instâncias superiores, negar tais atos, partindo em defesa de seus homens, fossem estes pertencentes às carreiras do exército ou civis aliados, notícias como estas chegaram a ser veiculadas em periódicos da época e provavelmente tenham vazado informações que levaram o governo italiano a protestar e cobrar um posicionamento dos dirigentes brasileiros diante de tais circunstâncias,

Da cadeia de Canoinhas eram tirados diariamente levas de desgraçados que se tinham apresentado voluntariamente, e entregues a Pedro Ruivo, um celerado vaqueano promovido a herói. Pedro Ruivo conduzia as vítimas para fora da vila e, na primeira curva do caminho, degolava-as. Os cadáveres ficavam insepultos. Os porcos e os corvos tinham fome. (O Estado, Florianópolis, 18 maio 1915, citado por QUEIROZ, 1981, p.218).

O episódio relacionado a citação que abre este trabalho, mesmo se analisado de forma isolada já nos aponta muitas questões, e sobretudo traz um elemento bastante importante, que é a presença de diferentes grupos étnicos entre os rebeldes do Contestado aprisionados pelas forças federais. Desta forma a tensão diplomática gerada a partir deste fato pode ser considerada uma das pontas do emaranhado de acontecimentos, muitas vezes caracterizados pela violência que marcou a Guerra do Contestado no seu ano mais crítico.

A historiografia do Contestado e os discursos acerca da violência

A partir das leituras realizadas sobre o Contestado, percebe-se que a historiografia³ pertinente aponta para violência existente na região em litígio.

³ Maurício Vinhas de Queiróz (1981), ao traçar um breve histórico acerca das diversas vilas localizadas na região denominada “Serra Acima”, mais especificamente sobre a Vila de Canoinhas, aponta que esta tornou-se uma espécie de reduto de velhos maragatos e supostos foragidos da justiça dos Estados do Paraná e de Santa Catarina. Douglas Teixeira Monteiro (1974), de forma um tanto diferenciada, busca desenvolver uma análise sobre a violência naquela região, categorizando esta em violência costumeira e violência inovadora. Já Márcia Janete Espig (2011), discute a atuação dos turmeiros na construção da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (EFSPRG) e procura apontar as questões relacionadas ao caráter, praticamente cotidiano, da violência em relação a estes trabalhadores e característico a região do Contestado, principalmente onde se localiza o atual oeste catarinense.

“O mundo do sertão do Contestado” como diria (Monteiro, 1974), “é unanimemente descrito como um mundo de violência. Violência por questões de honra, violência por questões políticas, violência por questões de terra” (MONTEIRO, 1971, p. 37). O discurso construído aponta para a naturalização do caráter violento transcendendo o movimento social.

É necessário apontar também que a historiografia até agora se preocupou de forma significativa em traçar um perfil social daquela população. Segundo Machado (2004, p. 335), “a região que viveu o conflito não apresentava uma estrutura social uniforme”, dado este, na maioria das vezes, considerado também como um dos fatores que corroborava para o desencadeamento da violência.

Além da estrutura social diversificada da região, outros aspectos apontados pela historiografia do Contestado, podem ser considerados fatores que contribuíram na construção de um discurso, que naturalizou a violência como característica regional. Entre eles temos: características geográficas da região, considerada algumas áreas como inóspita; o pouco número de habitantes na sua maioria posseiros; vilas formadas por pessoas que provinham de diferentes regiões do Estado e de estados vizinhos, algumas vezes fugitivos da justiça envolvidos com revoltas acontecidas anteriormente no Sul do Brasil, outras, por colonos que ali já viviam ou ainda por imigrantes estrangeiros recrutados para trabalhar na construção da estrada de ferro - EFSPRG; ataques frequentes de indígenas que habitavam a região; problema do limites de terras entre os Estados de Santa Catarina e Paraná; mandos e desmandos dos coronéis locais; e disputa pela exploração dos ervais localizados em terras consideradas devolutas.

Segundo Espig (2011), muitos estudiosos do Contestado chegam a considerar a violência quase como “característica” da região em que se deu o movimento. Cabe ressaltar que este discurso é fruto de um determinado tipo de leitura e interpretação de fontes, como os relatos e obras de militares e religiosos que atuaram na região e de notícias veiculadas na imprensa da época,

Várias fontes de segunda mão inclusive a maior parte da bibliografia reproduzem a mesma interpretação: a região contestada era consumida pelo conflito entre Santa Catarina e Paraná, e a desorganização do poder públicona região, sobretudo noquese refere à ação policial, levava grande volume de criminosos a buscar guarida em suas terras. (ESPIG, 2011, p. 291).

A recorrência destas formas de abordagem, por parte da historiografia do Contestado, acerca do tema violência, leva-nos a perceber não só a sobrevivência como de certa forma a manutenção de um discurso que acusa o caráter violento da região, bem como da população, característica essa que ao

transcender o movimento social, acaba por naturalizar a violência da Guerra. Percebo que a historiografia mais recente do Contestado, ao discutir outros temas e abordar a violência de forma muito periférica, porém, sempre presente, quase como um souvenir de uma batalha sangrenta, sem questioná-la ou problematizá-la, produz lacunas/vazios que fazem ecoar discursos duradouros provenientes dos primeiros relatos da Guerra, na sua maioria oriundos dos chamados “historiadores de farda”⁴.

No trabalho intitulado *Errantes do Novo Século*, Duglas Teixeira Monteiro, desenvolve uma discussão teórica sobre a violência praticada na região do Contestado, categorizando esta em dois tipos: a violência costumeira e a violência inovadora. Entendendo que a primeira se dá num tempo, logo num contexto diferenciado da violência inovadora, o autor define que tal violência é “gerada entre as polarizações contraditórias da sujeição e da independência, ela implicava numa visão de mundo na qual a morte cruenta, sujeição radical ao destino, que é um senhor radical, opunha-se à afirmação da vida, que, como ideal, só podia ser autônoma.” (MONTEIRO, 1974, p.43). Para ele, o agravamento do movimento social do Contestado, que culminou com a Guerra Santa, trouxe significativas mudanças no quadro social daquela região, e contribuiu para a constituição de outro tipo de violência - a inovadora, que segundo o autor se dava a partir da ruptura da consciência de nivelamento que de certa forma servia de base à violência costumeira.

Assim, para explicar como a violência inovadora vai se dando em contrapartida a violência costumeira, o autor busca apontar a atuação e as relações estabelecidas entre novos personagens daquele cenário. A violência inovadora, para ele, não se constituía a partir de conflitos entre ‘iguais’ ou potencialmente iguais, mas do embate sangrento entre dois mundos cujas ordenações antagônicas são às vezes claramente discerníveis, completando-se essa oposição, mais tarde, na polarização aguda entre fiéis e mundo secular” (MONTEIRO, 1974, p.49).

Trazidas à tona estas questões, parece que Monteiro ao cunhar os conceitos de violência costumeira e violência inovadora, segue um esquema/modelo frequentemente adotado por historiadores e sociólogos desenvolvidos na década de 70 sobre violência, década esta também da publicação de seu trabalho. Segundo Farge a construção deste modelo foi largamente influenciada pelos estudos de Norbert Elias, e seguia um esquema:

Quando uma sociedade se sente ameaçada em sua realização e a simbólica coletiva corre o risco de ser arruinada pelas decisões que são tomadas a seu

⁴ Esta denominação é utilizada por Rogério Rosa Rodrigues.

respeito, os gestos da violência decidida têm de fato por meta refundir o corpo social, destruindo a ameaça, distanciando-a e solidificando o laço social que parecia se desagregar. Trata-se aí uma visão relativamente positiva da violência considerada como uma forma de integração. (FARGE, 2011, p.30)

Ao analisar a abordagem feita por Monteiro a partir da discussão de Farge, percebe-se que há uma espécie de enquadramento da violência num esquema e uma preocupação com a construção de um modelo de regulação social. Neste esquema a violência adquire uma função: a de regular e de definir o tempo. Este tempo passa a ser visto em dois momentos: o da violência costumeira e posteriormente o da violência inovadora. Nesta abordagem o simbólico também se faz presente, mas sobretudo, esta interpretação acerca da violência não dá conta de realidades que fogem a este modelo funcionalista. Pois, “como interpretar a violência quando esta se aparenta à barbárie e nenhuma justificação a posteriori permite recolocá-la num sistema coerente?” (Farge, 2011, p.32).

Arendt nos aponta que é comum enxergar a violência como um fenômeno marginal aos estudos históricos,

Ninguém que se tenha dedicado a pensar a história e a política pode permanecer alheio ao enorme papel que a violência sempre desempenhou nos negócios humanos, e, à primeira vista, é surpreendente que a violência tenha sido raramente escolhida como objeto de consideração especial. (...) Isto indica o quanto a violência e sua arbitrariedade foram consideradas corriqueiras e, portanto, desconsideradas; ninguém questiona ou examina o que é óbvio para todos. Aqueles que viram apenas a violência nos assuntos humanos, convencidos de que eles eram ‘sempre fortuitos, nem sérios nem precisos’ (Renan), ou de que Deus sempre esteve com os maiores batalhões, nada mais tinham a dizer a respeito da violência ou da história. (ARENDDT, 1994, p.16).

No que se refere à questão do Contestado, pude perceber que excetuando o trabalho de Monteiro (1974)⁵, a questão da violência ainda não foi tomada como objeto de análise, ou seja, continua a margem da historiografia do Contestado. Aspectos como a prática de ações violentas geralmente atribuídas ao exército que, por sua vez, creditava aos vaqueanos⁶ ou os motivos propulsores de diversas mutilações, fuzilamentos e degolas cometidas contra os prisioneiros, não parecem ter sido até agora de interesse

⁵ Como já falei anteriormente Monteiro (1974, p. 37-55), em seu trabalho, busca conceituar e categorizar os tipos de violência que ocorrem na região do Contestado.

⁶ Vaqueanos era o nome dado aos civis moradores da região, muitas vezes capatazes de coronéis, que se aliaram as forças nacionais contra os “fanáticos” tendo como função principal guiar as tropas pelas regiões de difícil acesso e pouco conhecidas por aquelas tropas.

dos diversos historiadores do Contestado.⁷ Estes são aspectos que estão dados, e me parecem que não incomodaram ao ponto de serem analisados, questionados e remexidos pela historiografia até agora.



Imagem: Vaqueanos da Guerra do Contestado. Reprodução de Celso Junior. Disponível em: [http://www.estadao.com.br/fotos/t14_vaqueanos_600\(1\).jpg](http://www.estadao.com.br/fotos/t14_vaqueanos_600(1).jpg)

A presente pesquisa pretende estabelecer a partir de indícios, quem eram estas pessoas, porque eram mortas com tal crueldade, que atuação haviam tido no movimento para serem considerados perigosos ou inofensivos e por isso escapar da degola. Trilhando este caminho, pretendo ir além dos nomes constantes nas listas nominais dos prisioneiros que se renderam às tropas federais, e espero fazer uma revisão crítica sobre os discursos

⁷ Rodrigues em tese de doutorado dedica capítulo (cap. 5) sobre a relação dos vaqueanos com o exército, no entanto, não tinha como foco fazer análise aprofundada sobre a questão da violência, mas destacar o papel de forças civis em um exército que se pretendia profissional.

construídos acerca destes personagens. Neste sentido, é que considero que existam vazios a serem preenchidos, perguntas as mais diversas que compõe o referido problema de pesquisa com poucas respostas até o presente momento, e que de acordo com Espig (2011, p.291) podem se configurar como “objeto de uma investigação mais apurada”.

De corriqueiro a diplomático: o imigrante estrangeiro na Guerra do Contestado

A partir do acesso as fontes, pude constatar que em determinado momento o aspecto referente a violência na Guerra do Contestado extrapolou o âmbito regional, noticiado por periódicos da época⁸, chegando a ganhar lugar de destaque na composição dos relatórios e correspondências de dirigentes do exército, de ministros, de governantes e até mesmo de diplomatas estrangeiros, como visto na nota introdutória do presente texto.

Ao tomar como ponto de partida desta pesquisa o ano de 1908, necessário se faz uma breve justificativa. Neste ano se deu a incorporação da EFSPRG⁹, a Brazil Railway Company e o início dos trabalhos da linha sul desta ferrovia que cortaria os estados do Paraná e Santa Catarina, saindo de São Paulo e chegando até o Rio Grande do Sul. A mesma era considerada importantíssima naquele contexto, tanto para o desenvolvimento econômico do Brasil, como estrategicamente, já que serviria de principal meio de “deslocamento terrestre de contingentes militares em caso de conflito no Prata.” (Espig, 2011, p.28).

Apesar da procedência dos trabalhadores nacionais recrutados para a construção da linha sul da ESFPRG ser objeto de contradições na historiografia sobre o Contestado, existem fontes que afirmam que um expressivo número de imigrantes estrangeiros compuseram as diferentes frentes de trabalho desta obra. Fossem recrutados de regiões portuárias como Rio de Janeiro, Pernambuco, São Paulo, Santos, Recife ou Salvador,¹⁰ ou ainda,

⁸ Periódicos como *Diário da Tarde* de Curitiba-PR, e *O Progresso* de Ponta Grossa-PR, relatavam com frequência casos de maus tratos como cárcere privado, espancamentos e mortes de imigrantes estrangeiros trabalhadores da EFSPRG, no período 1908 a 1910. Sobre este aspecto ver ESPIG (2011).

⁹ Sigla referente a Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande do Sul.

¹⁰ Este aspecto é alvo de discussão intensa e recorrente nos diversos trabalhos desenvolvidos acerca do Contestado, sobre as diferentes procedências dos trabalhadores. Encontramos discordâncias entre as fontes, como os relatórios ou memórias de envolvidos no conflito, perpassando a chamada “historiografia clássica”, chegando ainda até os trabalhos mais recentes. (Espig, 2011, p.71-92).

cooptados por anúncios em seus países de origem, com o objetivo de trabalhar na construção da ferrovia ou colonizar as terras concedidas à Lumber¹¹, é recorrente a informação de que um expressivo número de trabalhadores estrangeiros veio para a região do conflito naquele momento.

Na documentação consultada, verificou-se a existência de algum recrutamento em estados do centro do país, porém as mais constantes referências eram feitas a imigrantes, notadamente poloneses, russos, portugueses e italianos. Parte destes, inclusive, foi trazida diretamente pela Companhia a fim de construir a ferrovia e, posteriormente, adquirir e colonizar as terras adjacentes à mesma. (Espig, 2011, p. 379).

Ao fazer esta discussão, Espig (2011) aponta sobre a necessidade de um trabalho de pesquisa histórica mais específico sobre estes imigrantes europeus, especialmente os trazidos pela empresa construtora da ferrovia, cujo número aumentou expressivamente quando da retomada da construção do ramal da EFSPRG que ligaria União da Vitória a São Francisco¹² no litoral catarinense.

Machado (2004) coloca ainda que, para as instalações da serraria na estação de Três Barras, criou-se um verdadeiro complexo industrial, que contava com 400 trabalhadores permanentes, sendo na sua maioria imigrantes europeus. De acordo com as folhas de pagamento de 1912 da Lumber, verificou-se que, dos 400 empregados permanentes, “20% possuíam nomes luso-brasileiros; 50% nomes de origem polonesa ou ucraniana; e 30% de origem alemã ou anglo-saxã.” (MACHADO, 2004, p. 151). Para este autor houve, a partir deste processo de expansão da exploração da madeira catarinense, não só a destruição das matas e ervais, mas também impacto econômico, ambiental e, “como resultado do processo de grilagem, um verdadeiro processo de exclusão étnica” (MACHADO, 2004, p. 152).

No que se refere a presença do imigrante estrangeiro naquela região é preciso considerar que havia dois grupos com características um tanto diversas, não podendo colocá-los como numa “vala comum” ao tê-los como

¹¹A *Southern Brazil Lumber and Colonization* foi uma subsidiária criada pela *Brazil Railway Company*, com o objetivo de explorar a madeira e as terras que margeavam as laterais da ferrovia, concedidas pelo governo brasileiro. Criou diversas serrarias para a exploração da madeira: a primeira e menor em Calmon e a segunda e de maior porte em Três Barras (estação da estrada de ferro que ligaria União da Vitória a São Francisco do Sul). Mauricio Vinhas de Queiroz nos aponta que ela “tornou-se a maior companhia madeireira da América do Sul.” (QUEIROZ, 3ª ed., 1981, p.74)

¹² O ramal da EFSPRG, que ligaria União da Vitória a São Francisco com o objetivo de escoar a produção de erva mate daquela região, foi iniciado, segundo Filho (2009), em 1906 e finalizado somente em 1917.

objeto de pesquisa histórica.¹³ Qualquer discurso que generalize estes grupos por critérios de nacionalidade corre o risco de não enxergar as suas especificidades, pois estes, além de virem de diferentes regiões da Europa, aqui chegaram em contextos diversos: um anterior a construção da estrada de ferro, com o intuito de uma colonização mais imediata, de acordo com a política colonizadora do império, e outro quando já da existência do conflito em torno dos limites do Estado de Santa Catarina e Paraná e as lutas pela posse de terras e ervais entre coronéis e moradores/posseiros da região.

Diante da suposta diferenciação entre estes dois grupos de imigrantes, novas questões surgem a fim de traçar um caminho que nos leve até os atos de violência praticados contra os estrangeiros imigrantes, principalmente nos momentos finais da Guerra do Contestado quando da tomada dos diferentes redutos ou “cidades santas”¹⁴. Entre os questionamentos estariam: qual teria sido o grau de envolvimento dos imigrantes no movimento? O envolvimento teria sido diferente de acordo com o grupo de imigrantes? Quais seriam os motivos que levaram a sua integração e/ou identificação com as causas dos sertanejos seguidores de João Maria? Sabe-se que muitos se envolveram diretamente com o conflito e viviam nos redutos por adesão ao movimento, outros, porém eram obrigados a abandonar suas casas, plantações e pequenos rebanhos para viver nos redutos de forma forçada e constantemente ameaçados se caso fugissem de lá.

Machado nos aponta que, “estes imigrantes mais antigos, principalmente das regiões de São Bento, Rio Negro e Canoinhas, aderiam com facilidade à “visão de mundo” cabocla, em sua maioria eram devotos de

¹³ Não pode se deixar de lado o fato de que em diversas localidades da região envolvida no movimento do Contestado, fossem vilas ou não, contavam com a presença de imigrantes de diferentes nacionalidades anteriormente ao ano de 1908. Tem-se registro de 31 famílias de imigrantes alemães que vieram para colonizar a região de Rio Negro em 1829, Itaiópolis a partir de 1891, conta com a presença de operários industriais provenientes de Londres e também da Polônia, sendo que mais tarde esta localidade também recebeu colonos rutenos, segundo Queiróz (1981), provenientes de fazendas cafezeiras de São Paulo. Registros apontam que União da Vitória, ou Porto União ou simplesmente Porto, principal cidade da região “Serra Acima” do Estado do Paraná, teve grande influência da colonização norte europeia, principalmente descendentes de poloneses.

¹⁴ Reduto foi um termo amplamente utilizado pelos militares envolvidos com o movimento, em suas memórias ou relatórios ao se referirem as vilas que abrigavam os “sertanejos” seguidores de João Maria e envolvidos com a causa do Contestado. Já Cidade Santa é um termo utilizado pelos próprios sertanejos, ao se referir aos locais ou comunidades por eles criadas para abrigá-los.

João Maria, e muitos atenderam voluntariamente ao chamado dos redutários de Taquaruçu." (MACHADO, p.2004, p.152)

Dentre estes suponho que deveriam fazer parte, estrangeiros das primeiras levas migratórias e trabalhadores estrangeiros remanescentes da construção da EFSPRG. Para Espig (2011) porém, se houve a adesão e participação de trabalhadores estrangeiros da EFSPRG no movimento do Contestado, devem ter sido aqueles envolvidos mais diretamente com a construção do ramal União da Vitória – São Francisco. Pois os que construíram o trecho da estrada que cortava o Vale do Rio do Peixe, finalizado em 1910, devem ter voltado aos seus locais de origem e não retornariam quando da eclosão do movimento. Por outro lado, os que ficaram para a construção do ramal União da Vitória – São Francisco, teriam talvez motivos para aderirem a causa.

Em meio a controvérsias, o fato é que existem registros da participação de imigrantes estrangeiros no movimento e mais questionamentos surgem: teriam os vaqueanos envolvidos nos casos de violência, registrados pela imprensa da época e pelo próprio General Fernando Setembrino de Carvalho, como distinguir entre os imigrantes provenientes da primeira leva e aqueles que haviam trabalhado na construção da EFSPRG? Esta distinção poderia ser uma justificativa para os atos violentos por eles praticados, uma vez que muitos destes atos foram praticados contra homens que já haviam se rendido às forças do exército e até se encontravam presos na cadeia de Canoinhas? Os oficiais que comandavam estes grupos teriam ordenado ou sabiam e eram coniventes com tais ações por parte dos vaqueanos? Porque os vaqueanos e oficiais envolvidos nestes casos não foram condenados?

McCann (2007) aponta sobre a existência de inquéritos militares que comprovam estes atos por parte de civis a serviço do exército, porém nos coloca que os responsáveis nunca foram punidos. Entre as fontes citadas por este autor, as listas nominais ajudam a identificar que muitos destes eram de origem brasileira/portuguesa, e também nomes de prováveis imigrantes, alemães, italianos, ucranianos e poloneses.

Em carta ao então governador do estado¹⁵, Setembrino de Carvalho nega a participação de “Pedro Ruivo e outros civis colaboradores de unidades do Exército” em atos de depredação ou assassinatos. Admitiu, porém, que casas e suprimentos em áreas rebeldes haviam sido queimadas, mas justificando este ato “como necessário para eliminar os recursos de

¹⁵ O governador do Estado de Santa Catarina no período entre 1914-1918 era o coronel Felipe Schmidt.

sobrevivência do inimigo e assim forçar a rendição” (McCann, 2007, p.195).

A partir da leitura e análise das listas nominais dos prisioneiros, quer daqueles que se entregavam ou daqueles que eram capturados, pode-se identificar que muitos eram de origem europeia. Numa lista de 506 nomes, 97 podem ser identificados como de origem italiana, alemã, ucraniana, polonesa ou austríaca. Este número se for convertido em termos percentuais, nos daria algo em torno de 19%, um número bastante expressivo, ainda mais se levarmos em conta, que grande parte da historiografia do contestado comumente tratou este como um movimento de sertanejos e/ou caboclos que viviam na região.

Aspectos como estes foram pouco estudados e permanecem como questões abertas na historiografia. Este é um dos temas que pretende-se aprofundar a partir da presente pesquisa de doutorado. Trilhar o caminho destes imigrantes estrangeiros não é tarefa fácil, pois constatou-se que a documentação produzida pelos mesmos é praticamente inexistente, mas podemos nos aproximar destes se invertermos a lente de nossa câmera. A partir da documentação oficial, produzida pelo Exército, pelo Ministério da Guerra, pelo Ministério das Relações Exteriores, pelos governadores dos Estados, pelos jornais, podemos encontrar fragmentos que nos levem a perceber pelo menos minimamente o papel, a participação e o envolvimento destes imigrantes estrangeiros com este movimento.

As rusgas diplomáticas geradas entre o governo brasileiro e governos estrangeiros nos casos apontados aqui ou em casos como o incêndio da serraria da Lumber, situada na cidade Calmon e o ataque a colônia de imigrantes de Rio das Antas, são outros acontecimentos que merecem ser pesquisados afim de buscar compreender sentidos a esta violência praticada não única e exclusivamente a imigrantes, mas sobretudo a "símbolos" de organizações estrangeiras na região.

Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. **Sobre a violência**. Trad. André Duarte. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **A Campanha do Contestado**. Florianópolis: Lunardelli, 1979.

DIACON, Todd A. **Millenarian vision, capitalist reality: Brazil's Contestado rebellion, 1912 -1916**. Durham: Duke University Press, 1991.

ESPIG, Márcia Janete. **Personagens do Contestado: os turmeiros da Estrada de Ferro São Paulo – Rio Grande (1908-1915)**. Pelotas: Editora Universitária/UFPel, 2011.

FARGE, Arlette. **Lugares para a história**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

GOULARTI FILHO, Alcides. **A Estrada de Ferro São Paulo-Rio Grande na formação econômica regional em Santa Catarina**. Geosul, Florianópolis, v. 24, n. 48, p 103-128, jul./dez. 2009.

MACHADO, Paulo Pinheiro. **Lideranças do Contestado: a formação e a atuação das chefias caboclas (1912-1916)**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2004.

MCCANN, Frank D. **Soldados da pátria: história do exército brasileiro, 1889-1937**. Trad. Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

MONTEIRO, Duglas Teixeira. **Os errantes do novo século: um estudo sobre o surto milenarista do Contestado**. São Paulo: Duas Cidades, 1974.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado (1912 – 1916)**. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1981.

RODRIGUES, Rogério Rosa. Lições Militares. **Revista de História da Biblioteca Nacional**, Rio de Janeiro, ano 7, n. 85, p. 30-33, out., 2012.

_____. **Nas trincheiras da palavra: os historiadores de farda e as narrativas históricas sobre a Guerra do Contestado**. Texto inédito, acesso gentilmente cedido pelo autor. 2012.

_____. **Espírito militar e ideologia política: a atuação do exército na repressão à Guerra do Contestado**. R. Mest. Hist., Vassouras, v. 13, n. 1, p. 69-82, jan./jun., 2011.

_____. **Veredas de um grande sertão:** a Guerra do Contestado e a modernização do Exército Brasileiro. Tese de doutorado em história, UFRJ. Rio de Janeiro, 2008.

_____. **Notícias do Front:** a imprensa Catarinense e a sua representação sobre a Guerra do Contestado. Dissertação de mestrado em história, UFSC. Florianópolis, 2001.

Abstract: The present study aimed to analyze the degree of participation and involvement of different ethnic groups, especially those composed of European immigrants and the issue of violence against them, in the period between 1908 and 1916, during the social movement of the Contested. The degree of participation and involvement of different ethnic groups, especially those composed of European immigrants and the issue of violence in the context that gave the conflict are still gaps that yearn for further investigation. The questions that we intend to do the sources to be analyzed aims to deconstruct a discourse, still present in the historiography on the subject. These speeches that use of derogatory names, when referring to groups as diverse composition that joined the causes of motion. But these aspects are considered secondary, since the goal is not to develop a work on structural issues, but on the web about the discursive and historical subjects involved in the movement and she captured.

Keywords: violence, ethnicity, Contested.
